



RICARDO STUCKERT

▷ CADA UM PAGOU 1725 REAIS

Quanto custou a âncora cambial que estabilizou o real? Pode-se fazer o cálculo por meio da dívida pública, que saltou de 71 bilhões de reais no início do programa econômico, em

1994, para 487 bilhões. O ministro **Pedro Malan** gosta de lembrar que uma parte desse dinheiro, 140 bilhões, se refere à federalização da dívida de Estados e municípios. Não seria dívida nova, apenas trocou de mãos. Sobrariam 276 bilhões de reais. Esse é o custo. Dá 1 725 reais por brasileiro, pagos em seis anos. Até agora, claro.

▷ PROCURA-SE MARCOS COIMBRA

Em ano de eleição, o diretor do instituto de pesquisa Vox Populi, **Marcos Coimbra**, passa a ser um dos sujeitos mais procurados do Brasil. Atualmente, Coimbra recebe mais de cinquenta telefonemas por dia de candidatos e jornalistas em busca de informações sobre as tendências do eleitorado. "Os políticos, com seus horários malucos, são os piores", diz ele, sem dar detalhes sobre o impacto dessa agitação na conta bancária da sua empresa.



HENRY YU



PAUL JUNIOR

▷ PALPITE MÍSTICO

Coube ao diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo, **David Zylbersztajn**, decidir a data da última licitação para a exploração de campos petrolí-

feros. A escolha recaiu sobre o dia 7 de junho. Sabe por quê? Porque nesse dia, informa o diretor, os astros estavam em conjunção bastante positiva. É isso mesmo. Zylbersztajn é um homem místico. Na janela de seu escritório, ele mantém pendurado um discreto cristal para afastar os "maus fluidos". É só o que se comenta no prédio.

▷ SOBREVIVENTES CENTENÁRIOS

O presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, **Horácio Lafer Piva**, estava orgulhoso na semana pas-

sada. A empresa ligada a sua família, a Klabin Celulose, é uma das trinta companhias familiares brasileiras a completar 100 anos de existência. O dado integra uma pesquisa recente. O trabalho mostra ainda que metade das companhias familiares quebra (ou é vendida) na segunda geração. Apenas 15% chegam à terceira geração.



ANTONIO MILENA

A MOEDA DA PRISÃO

Na semana passada, os irmãos advogados da Defensoria Pública do Rio de Janeiro fizeram um ato de protesto. Queriam chamar a atenção das autoridades para o mercado em que se transformaram as prisões carcerais. De acordo com os advogados, há agentes penitenciários cobrando por quase tudo, para dar informações sobre o andamento de processos, para autorizar a troca de cela, para liberar uma visita íntima. Mercadorias também são comercializadas. O quadro dá alguns exemplos de produtos vendidos com agio nas cadeias (em reais)

CAFÉ (250 GRAMAS)

preço normal: 1,40
preço na prisão: 2,50
78% a mais

REFRIGERANTE 2 LITROS

preço normal: 1,70
preço na prisão: 5,00
194% a mais

MAÇO DE CIGARROS

preço normal: 1,50
preço na prisão: 5,00
233% a mais

PACOTE DE BOLACHA

preço normal: 0,60
preço na prisão: 2,00
233% a mais

LINHA DE TELEFONE CELULAR

preço normal: 400
preço na prisão: 1 500
275% a mais

OS POBRES PERDEM MENOS

Uma pesquisa do Banco Mundial divulgada na semana passada mostra que ricos e pobres são beneficiados de maneira semelhante nos processos de recuperação econômica. Mas, durante a recessão, os ricos perdem mais. O quadro dá um exemplo disso em duas fases da História brasileira

FASE DE CRESCIMENTO (1994 - 1995)

a renda média dos brasileiros mais ricos aumentou

14%

a renda média dos brasileiros mais pobres aumentou

15,7%

FASE DE RECESSÃO (1990 - 1991)

a renda média dos brasileiros mais ricos caiu

28,1%

a renda média dos brasileiros mais pobres caiu

11,7%

